



# Latin America & Caribbean Islamic Studies

— Newsletter —

---

[Entrevista] “Holofote em: Dr.<sup>a</sup> Karoline Cook – *Forbidden Passages: Muslims and Moriscos in Colonial Spanish America*”

Tradução: Lucas Oliveira Ribeiro

Fonte: *Latin America and Caribbean Islamic Studies Newsletter*, Vol. 1, No. 2. (January 2021), pp. 9-14.

---

**Holofote em: Dr.<sup>a</sup> Karoline Cook – *Forbidden Passages: Muslims and Moriscos in Colonial Spanish America***

*Entrevista e introdução por Ken Chitwood*

*Tradução por Lucas Oliveira Ribeiro*

Emigrantes do Mundo Atlântico vieram às Américas por várias razões, com muitos motivos, e precipitados por miríades de circunstâncias. Alguns foram forçados, alguns vieram para escapar a uma velha sociedade ou para construir uma nova, outros vieram para adquirir riquezas ou para se estabelecer economicamente. Não obstante, como J. H. Elliott escreveu em seu tomo *Empires of the Atlantic world: Britain and Spain in America 1492-1830* (Impérios do Mundo Atlântico: a Inglaterra e a Espanha na América 1492-1830), “todos encararam o mesmo desafio de se mudar do conhecido para o desconhecido, e de se conformar a um ambiente alienígena que lhes requereria numerosos ajustes e um leque de novas respostas”.

Ademais, como Elliott continua, “em maior ou menor grau, essas respostas seriam moldadas por uma cultura doméstica a cuja influência formativa não se poderia nunca escapar, mesmo por aqueles que a estavam rejeitando mais conscientemente por uma nova vida para além dos mares”. Enquanto o contexto local com seus diversos ambientes ecológicos, materiais, políticos, socioculturais e religiosos moldaram os contornos da colonização e da conquista das Américas, o mundo colonial era simultaneamente definido e influenciado por sua natureza transatlântica. Significativamente, as dimensões histórica e legal da política imperial condicionaram a experiência de várias circunscrições mesmo nos mais longínquos alcances dos impérios americanos.

É nesse nexos imperial transatlântico que a Dr.<sup>a</sup> Karoline Cook situa a narrativa de *Forbidden Passages: Muslims and Moriscos in Colonial Spanish America* (Passagens proibidas: muçulmanos e mouriscos na América Espanhola colonial). O que se segue é uma entrevista com a Dr.<sup>a</sup> Cook, professora de História do Mundo Atlântico da Royal Holloway University of London sobre seus trabalhos precedente e atual que fornece múltiplos *insights* acerca do estado dos estudos do Islã e de comunidades muçulmanas na América Latina e no Caribe no curso da longa duração.

### **Por que se propôs a escrever *Forbidden Passages*? Onde começou o processo?**

Passei a interessar-me pelos mouriscos nas Américas quando era ainda uma estudante de graduação no Bryn Mawr College, pesquisando para minha monografia sobre mouriscas escravizadas que foram julgadas pela Inquisição Espanhola por praticar o Islã. No verão anterior a meu último ano, recebi uma bolsa do Bryn Mawr para pesquisar para minha monografia no Arquivo Histórico Nacional (AHN) em Madri, mas primeiro passei algumas semanas em Sevilha com minha família. Visitei o Arquivo Geral das Índias (AGI) para solicitar um cartão de identidade que era requerido à altura a todos os pesquisadores que quisessem consultar os arquivos nacionais da Espanha. Os arquivistas disseram-me que não encontraria informações sobre os mouriscos no AGI porque durante os séculos dezesseis e dezessete tinham sido proibidos de emigrar para as Américas. Uma vez que já estava familiarizada com a rica historiografia sobre conversos que encararam as mesmas restrições de viagem que os mouriscos, e que não obstante se estabeleceram nos vice-reinos da Nova Espanha e do Peru, comecei a perguntar-me se a mesma coisa não poderia ter sido verdade para os mouriscos. Esse conhecimento e as perguntas que levantou incitaram meu interesse por saber se os mouriscos emigraram para a América Espanhola e se sim, que implicações sua presença poderia ter para nosso entendimento da sociedade colonial. Em me graduando do Bryn Mawr, foi-me concedida uma Fulbright Fellowship para passar o ano seguinte nos arquivos espanhóis para determinar se poderia responder a essas perguntas. Encontrei mais fontes do que antecipara entre os registos da Inquisição no AHN e entre os registos da Real Audiência no AGI, e comecei a candidatar-me a programas de Ph.D. para continuar pesquisando o tópico.

### **Em sua opinião, quanto pensamento tático estava por detrás da acusação de ser um mourisco?**

As acusações de que alguém era um mourisco ou de que tinha a ascendência muçulmana eram muito táticas, frequentemente voltadas a descreditar um oponente. Recorriam a entendimentos de limpeza de sangue que poderiam ser evocados para prevenir um rival de deter cargos prestigiosos, de praticar certas profissões, ou de emigrar para as terras reivindicadas pela Espanha no hemisfério ocidental. A realidade era muito mais complexa, e o acusado poderia ir à corte para asseverar seu estatuto e para negociar sua posição na sociedade colonial. Isso permitiu que houvesse graus de fluidez nas maneiras por que os indivíduos se apresentavam. Mas isso também se

referia ao acesso e à persistente vulnerabilidade à acusação que resultaria em um litígio moroso e dispendioso.

**Há alguma implicação para a paisagem política de hoje que possamos tirar do medo dos colonizadores de que os mouriscos prejudicassem seu plano e do fracasso subsequente em excluí-los do “Novo Mundo”?**

Os discursos evocados por oficiais coloniais contra muçulmanos e quem quer que tenham percebido como um muçulmano encontra muita ressonância com a islamofobia e com as ansiedades sobre a emigração hoje. O “interdito muçulmano” de Trump é um dos exemplos mais recentes, mas isso recua muito mais. Meu ano de Fulbright<sup>1</sup> em Madri coincidiu com o 11 de Setembro e com a invasão dos EUA ao Afeganistão – quando voltava para casa toda noite depois de ler denúncias de mouriscos nos arquivos, continuava a ler os jornais cheios de relatos de crimes de ódio contra pessoas percebidas como muçulmanas e de modo geral uma ansiedade acentuada sobre muçulmanos que eram vistos com suspeita e associados ao terrorismo nas mídias. Essas imagens têm uma história muito mais longa, e esse era um dos pontos sobre os quais queria escrever em meu livro.

Se há alguma implicação que possamos tirar trata-se da persistência insidiosa do discurso de ódio – as formas como imagens negativas de muçulmanos e de emigrantes têm sido evocadas por uma variedade de projetos políticos. É importante reconhecer os tipos e os padrões do discurso anti-islâmico e estar atento a tais imagens para desafiá-las tanto verbal quanto legalmente antes de que ganhem tração. As formas como o rótulo “mourisco” funcionaram no contexto de disputas locais também nos podem dizer alguma coisa sobre construções iniciais de raça e de racismo, e as diferentes formas que o racismo pode assumir em contextos que tanto precederam quanto se estenderam para além dos exemplos dos séculos XIX e XX.

**Se os números nas fontes forem fiáveis, qual é sua estimativa de quantos mouriscos vieram para as Américas?**

Essa é uma pergunta muito difícil e uma em que ainda estou trabalhando em segundo plano, ainda que não tenha sido o foco ou o principal interesse de meu primeiro livro. Até agora encontrei aproximadamente 200 referências a mouriscos no

---

<sup>1</sup> Isto é, o ano em que vigorou sua bolsa de estudos Fulbright. NTD.

contexto de denúncias perante as cortes eclesiástica ou secular por praticarem o Islã em segredo ou por terem uma ascendência muçulmana. Continuo recolhendo referências para um futuro livro que se tentará atracar com a questão das maneiras por que indivíduos que se identificaram como muçulmanos na América Espanhola durante o período colonial inicial podem ter formado comunidades ou laços uns com os outros. Isso incluiria não apenas conversos ibéricos do Islã, mas também muçulmanos do Magrebe e da África Subsaariana.

Dito isso, um foco apenas em números pode ser problemático uma vez que é frequentemente muito difícil determinar quem era ou não era um mourisco, e uma tal abordagem risca reproduzir as preocupações de inquisidores e de oficiais coloniais.

**Na segunda parte de seu livro você descreve os mouriscos como provedores de serviços mágicos de saúde em todas as classes e castas. Que implicações você vê nisso para entender a sociedade colonial como um todo?**

Havia muita troca no plano cotidiano local, em que mouriscos eram procurados por remédios – sua expertise era valorizada dentro de suas comunidades. Vemo-lo em uma variedade de contextos em que múltiplos especialistas rituais podiam ser consultados se alguém estivesse doente ou precisasse da intervenção de um curandeiro ou de um praticante de magia amorosa e de divinação. Curandeiros mouriscos operavam nas mesmas comunidades locais que curandeiros indígenas e africanos, e ao lado de tradições mediterrânicas de cura mais amplas. Denúncias da Inquisição também podiam funcionar como processos por negligência, mas havia importantes diferenças entre a forma por que alguém denunciando uma cura malograda estruturava o evento e o uso propagandístico que os inquisidores faziam dela no contexto de panfletos e de autos de fé. Tensões políticas acentuadas ou rixas interpessoais criavam um meio em que denúncias podiam ocorrer.

**Você usa o termo “mourisco” tanto para novos conversos cristãos quanto para antigos cristãos acusados de descender de mouros. Qual foi seu raciocínio por detrás dessa dupla conotação?**

“Mourisco” era um rótulo que funcionava como uma categoria legal com implicações para os direitos e para o estatuto de alguém. Há também pouca evidência de que mouriscos na Espanha se referiam a si mesmos por esse rótulo. Quis comunicar o

uso tático do termo em disputas e em processos judiciais bem como destacar as múltiplas pessoas que foram abrangidas por essa designação a depender do contexto.

**Qual tem sido a “vida após a morte” do livro? Em outras palavras, que conversas tem inspirado e o que contribuiu para o estudo do Islã e de comunidades muçulmanas nas Américas?**

Desde que *Forbidden Passages* foi publicado tem havido mais interesse pelo tópico. Tem inspirado conversas sobre a presença de comunidades muçulmanas nas Américas. Há um certo número de jovens acadêmicos agora trabalhando sobre esse tópico a partir de diferentes perspectivas, e é gratificante ouvir deles sobre seus interesses e seu trabalho.

**Se você tivesse a chance de reescrever o livro hoje, que área incluiria que não é abordada na primeira versão?**

Escreveria muito mais sobre mouriscas e sobre gênero de um modo geral. Quando estava escrevendo *Forbidden Passages* não sentia ter fontes adequadas para fazê-lo bem, mas à medida que o tempo passa e que coletei mais fontes estou cada vez mais incorporando a análise de gênero em meu trabalho.

**Em que projeto(s) de pesquisa você está trabalhando atualmente?**

Estou trabalhando em dois projetos da extensão de um livro, para além do projeto de longo termo que mencionei acima que na verdade não estará pronto para ser escrito pelo menos pelos próximos dez anos! Meu próximo projeto de livro examina construções de nobreza no início do Império Espanhol moderno. Focarei a forma como uma gama de famílias que reivindicavam descender dos emires Nasrid de Granada, os governantes incas do Peru, e os governantes Mexica de Tenochtitlán reivindicavam um estatuto nobre em um momento em que famílias crioulas nos vice-reinados da Nova Espanha e do Peru também estavam engajadas em litígio quanto à perpetuidade de suas *encomiendas*, e evocavam e às vezes inventavam relatos de relações entre cristãos e muçulmanos na Península com o fito de assertar suas reivindicações. Em termos gerais estou interessada em como tais reivindicações de um estatuto nobre e representações de muçulmanos nas petições e nos processos judiciais podem esclarecer por que maneira ideias de raça estavam se formando nesse período.

Meu outro projeto é uma micro-história que foca Cristóbal de la Cruz, um homem que nasceu em Argel e que foi escravizado enquanto menino depois de ser capturado em um barco de pesca, levado para Sevilha e batizado. De la Cruz denunciou-se a si mesmo ante inquisidores em Barcelona, Sevilha e na Cidade do México múltiplas vezes em um período de trinta anos. Estou comparando seus testemunhos de entre os anos de 1650 e de 1680 para analisar como narrou sua história de vida a inquisidores no começo de cada julgamento, como os engajou em debates teológicos, e como recontou eventos e trocas que teve com muçulmanos e com cristãos na Espanha, no Caribe e no México, tudo enquanto expressava dúvidas sobre se a crença no cristianismo ou no Islã levaria a sua salvação. Já escrevi sobre De la Cruz em um artigo que apareceu em *The Americas* em 2008.